

## **A lição de Mandela para uma Amazônia em perigo**

**Por José Varella\***

Em 2009, vamos ter em Belém do Pará oportunidade única de fazer história pós-colonial no acontecimento do Fórum Social Mundial no imenso portal ribeirinho do golfão marajoara, no qual as Amazônias verde e azul se unem inseparavelmente. Espaço cultural onde, há 350 anos no Arquipélago do Marajó, rio Mapuá (Breves-PA, de 22-27/08/1659), o payaçu dos índios Antônio Vieira célebre pela utopia sebastinista do "Quinto Império"; oficiou a paz impossível entre as duas margens do rio das Amazonas. E, assim, as duas partes desavindas numa guerra colonial (1623-1647) deram base concreta de fato consumado à futura revogação do tratado de limites de Tordesilhas (1494), que viria enfim por força das evidências habilmente defendidas por Alexandre Gusmão na mesa de negociação, um século depois, obter reconhecimento do *uti possidetis real* através do tratado de Madri (1750): a "ruptura" efetiva de uma linha colonial imaginária!...

Mas, não é verdade que menos de uma centena de militares e padres portugueses dominassem multidão bárbara de milhões de "índios" amorfos... Houve, sim, convergência de diversos interesses locais: essa convergência inter-amazônica é que deu materialidade à tese do *uti possidetis real* de 1750. Chamou-se, geopoliticamente, estado-colônia do Maranhão e Grão-Pará (1621-175) e depois do Grão-Pará e Maranhão até 1823. Agora Amazônia Brasileira (com nove estados federados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão e Mato Grosso). Foram nações indígenas que, movidas por disputas internas milenares e premidas por circunstâncias externas em choque cultural jamais vivenciado por elas, optaram por algo que ainda não está claro à mentalidade superficial dos "brancos"...

Compreende-se, então, a razão política elitista pela qual falta interesse acadêmico a fatos insólitos como este. Portanto, alguns patriotas querem promover inclusão social

da gente ribeirinha, sem antes providenciar a inclusão da cultura popular na História do Brasil. Porém, Euclides da Cunha já havia advertido a República Brasileira sobre a histórica marginalização do homem amazônico, que não é "índio", nem "quilombola" e talvez nem mesmo "amazônida". Mas, unicamente ser humano, como qualquer outro da Terra, dotado de razão e consciência como reza a convenção universal dos Direitos Humanos. Com direito fundamental de ser possuidor da nacionalidade que ele mesmo ajudou a construir, ocupando ancestralmente o espaço comum e mais tarde delimitando o território nacional.

A "ruptura" de Tordesilhas é o fato essencial que os remos e arcos do bom-selvagem Tupinambá demonstraram ser uma fantasia cartográfica das Cortes, face a uma realidade autóctone. Pela qual a transgressão portuguesa cometida pela entrada de Pedro Teixeira, de Belém a Quito (1637-1639), em fins da União Ibérica (1580-1640) serviu de fundamento antes de ser relato escrito com tinta no papel. Todavia, uma história regional nascida das contradições dilacerantes do colonialismo, em meio a controvérsias de interesses mundializantes no choque entre Reforma e Contra-Reforma, tendo no meio o conflito árabe-europeu e o anti-semitismo recheando o debate. Aspectos amazônicos da expansão ocidental poucos estudados e divulgados, dizem respeito à lesão ao direito de autodeterminação de um povo valente que, resistindo a invasões e abandonos, insiste ainda em se integrar ao Brasil por atração geográfica da América do Sul e a opção preferencial pela cultura lusofônica internacional.

#### **Recado a Mandela pelos bons ofício do embaixador honorário do Pará**

Vivemos conseqüências do passado: o século 21 é estuário de tantos acontecimentos que jazem entre chuvas e esquecimentos. O momento de um pacto federativo sem precedentes, que se chama Plano Marajó (Plano de Desenvolvimento Territorial Sustentável do Arquipélago do Marajó), como resposta da República Federativa do Brasil a uma demanda do povo das ilhas, cujas origens se podem ver desde o século XVII nas cartas do Padre Antônio Vieira ao rei de Portugal ao reportar protestos do cacique Piié Mapuá (cf. Serafim Leite), colocado nas circunstâncias como porta-voz dos Nheengáibas insubmissos à ordem colonial.

Que melhor ocasião para iniciativa paraense de alcance mundial, motivando apoio de personalidades emblemáticas, como o casal Nelson Mandela e Graça Machel (ela, viúva de Samora Machel, herói nacional de Moçambique), por intermédio de Jack Lang, o Embaixador voluntário do Pará e paladino da latinidade?

O mundo acossado pela mudança climática e o inexorável avanço do fosso entre ricos e pobres carece de um Plano Mandela. O que seria isto? Um pacto social mundial com base na experiência e contradições históricas da África do Sul. Equivalente para o terceiro mundo ao que foi o plano Marshall para reconstrução da Europa devastada pela Guerra Mundial. Urge inventar o tempo pós-colonial como instrumento de paz mundial duradoura: um mundo pós-moderno para todos.

Marajó devido sua expressão geográfica na paisagem cultural do estuário amazônico, está predestinado a mandar um tal recado ao mundo industrial que caminha em direção ao impasse definitivo entre sociedade e natureza. Mas, sejamos sinceros falta na comunidade pan-amazônica interlocutor à altura do desafio. Então, se o desenvolvimento econômico devastador fez grande Dívida Externa, que resulta no IDH que temos nas ilhas do Marajó, por exemplo; será necessário contrair na África uma dívida moral, ainda maior do que já temos com os escravos africanos vindos a Amazônia poupar a última parcela indígena de genocídio total.

### **Síndrome de Versalhes em paisagem urbana de terceiro mundo**

Testemunhei por acaso o desabafo do sociólogo pós-industrial Domenico De Masi contra a irremediável feiúra e non-sense climático de certos espigões de concreto no Pará, que assassinaram belos casarões da arquitetura lusotropical da "cidade das mangueiras" a fim de lhes tomar o lugar evocando nomes de torres e palácios da velha Europa transplantada aos tristes tropiques.

Os povos são vítimas inevitáveis dos tempos modernos, como na antiguidade o imperialismo faraônico carecia de multidão de escravos para construir mausoléus. A insuportável ditadura dos mortos sobre os viventes. Esta expandida seqüela já está sendo chamada alhures de "síndrome de Versalhes": estranha compulsão das elites nacionais a colecionar elefantes brancos ao custo do desenvolvimento humano das classe trabalhadoras e da alienação da pequena

burguesia bombeada pelo cartão de crédito que vai desaguar, enfim, no grande mar das corporações financeiras.

Mas, já sabíamos que a antiga aliança do trono com o altar foi substituída pelo pacto entre a imagem e o dinheiro. O que fizemos então? Praticamente nada! Mas, as populações tradicionais poderiam nos mostrar o caminho da sustentabilidade? Certa vez um pajé Ianomami garantiu que no fim da história seriam eles, os pajés, que salvariam brancos e não-brancos... Era preciso decifrar a complexidade de Morin e fazer a aposta de Pascal para, talvez, chegar perto do pensamento neotropical daquele profeta da selva amazônica...

Como metáfora da tragédia global, o palácio de Versalhes numa fria manhã de Paris é comparável a um templo vazio onde fantasmas costumam meditar e lamentar tão grande alienação de súditos e escravos perdidos a sustentar deuses e reis, para edificar monumentos à loucura como o caso das pirâmides do Egito. Cortaram-se as reais cabeças mas não a cultura do desperdício que está dentro de nossas cabeças. Para concluir o percurso parisiense e não se retornar de lá sob efeito hipnótico das Luzes, convém ir despertar da ilusão na praça da Bastilha.

Foi o que fiz uma vez andando à deriva pela pátria de Astérix. Hoje, na perifeira uns querem ser o rei do gado, outros da soja ou do fast-food.. Todos aspiram a habitar arranha-céus com nome da Belle Époque carregada sobre as costas dos pobres do mundo. Em Belém temos ainda o belo prédio Paris n'América que deve ser preservado, acredito, como centro de estudos históricos dos seringueiros da Amazônia. Um busto de Chico Mendes deveria ser colocado em seu vestíbulo: para que os visitantes compreendessem que sem seringueiros não teria nascido a indústria da borracha, inclusive o pneumáticos de automóveis... Cujas mais valias foram apropriadas na arquitetura que deve ser democratizada, no futuro, pelo povo que ainda hoje dorme na rua debaixo de chuva ou do brilho das estrelas...

A síndrome da deficiência cultural adquirida pela propaganda primeiromundista é um contágio pior talvez do que a AIDS, pois àquela não há preservativos nem remédios distribuídos gratuitamente. São os afetados pelo mal do consumismo que têm que arranjar dinheiro, Deus sabe como, e pagar e pagar desde o nascimento até a morte. Então, o movimento anti-colonial ainda incompleto é uma genuína revolução cultural pelo bem da humanidade inteira.

Inclusive os burgueses. Não se trata de modo nenhum em estar contra a velha Europa, mas pelo contrário; estar com ela incentivando a reconstrução do mundo pós-colonial para o salto da História do Futuro...

Ajudar a velha Europa mundializante a morrer e a renascer, simultaneamente. Como a Fênix mitológica. Missão histórica da Latinidade desde os confins do mundo: a periférica Galiléia é exemplo clássico da dialética centro-periferia, entre o Norte e o Sul, Oriente-Occidente: a Diáspora infinita: pelo pensamento oriental, a serpente que morde a própria cauda... Esta revolução mundial permanente que Jack Lang e Hervé Le Bras tratam magistralmente em *Immigration positive*. Trata-se, então, de propor uma resposta adequada à Globalização a partir de outras Galiléias dispersas pelas diversas periferias (inclusive, dentro mesmo das regiões europeias "atrasadas"). Propor desde a Amazônia latina, aliança estratégica entre Lusofonia e Francofonia no sentido de uma nova renascença da latinidade universal a fim de superar suas próprias contradições e converter o mundo numa Terra sem males para todos.

### **rei Nelson: imperador do Quinto Império?...**

O poeta Pessoa caso houvesse conhecido Nelson Mandela - mesmo este não encarnando o arquétipo de herói sebastianista -, poderia tê-lo considerado perfil ideal de imperador do "Quinto Império". Ainda mais tendo este a seu lado uma mulher como Graça Machel, que fala e pensa como cada uma de 220 milhões de pessoas falantes da língua portuguesa. Dado o triunfo sobre o apartheid na África do Sul e a sabedoria política que Mandela demonstrou na hora da verdade acerca das responsabilidades do imoral regime de Pretória e a necessidade de reconciliação nacional.

Num cenário global o cúmulo do cinismo não espanta, quando donos da periferia, como a ilha do Marajó, por exemplo; tomam Dalcídio Jurandir, que denunciou o preconceito racial e a exclusão social como males absolutos; contratam advogados do Diabo para dizer ao público desinformado que trabalho escravo e prostituição infantil no interior são fenômenos "culturais" [normais], e que isto deveria ser tolerado à conta de usos e costumes testemunhados na literatura dalcidiana... Que sofisticação na arte de enganar! Quanta falta faz uma releitura de Antônio Vieira 350 anos depois que ele demonstrou - pela negociação de uma paz incrível, a fim de evitar uma guerra

impossível de vencer - que inventar um futuro melhor para todos é preciso, viver não é preciso...

O Pará velho de guerra carece da lição de Mandela, para ir ao encontro da sua amazonidade sem desprezo da nacionalidade brasileira, pela qual nossos antepassados pagaram alto preço. O que mais me seduz na personalidade grande líder africano é a firmeza de caráter acompanhado de tão grande dignidade com extrema sensibilidade à necessidade da política para convivência dos contrários. É neste aspecto, precisamente, que o herói vencedor do arrogante regime de Pretória me parece representar o perfil ideal do rei imaginado pelo payaçu dos Índios, Antônio Vieira; o imaginado soberano do quinto e último imperio universal. Uma utopia não-hegemônica capaz de levar avante, não uma guerra santa até extinção total dos infiéis; mas um Príncipe da paz capaz de assegurar a biodiversidade e a diversidade cultural como as duas faces da mesma moeda.

Aquele traço especial que faz a diferença entre homens comuns e o herói. O que levou Jack Lang a chamá-lo de "rei Nelson", citando Cornélio: "Nenhum torpe desígnio, nenhuma ingrata inveja / Atacará o curso de tão bela vida. / Haveis descoberto toda arte de conquistar os corações". E nunca tanto quanto hoje o mundo esteve tão necessitado de heróis! A Amazônia se prepara para ser, pelo menos por algum tempo, em 2009, "centro do mundo": temporariamente o "Quinto Império" com o Fórum Social Mundial estará instalado às margens do Guajará. Onde a lição de Mandela deve ser evocada para presidir o espírito anti-apattheid para abolição da dicotomia de Davos e progresso do esquema de Porto Alegre.

A verdadeira revolução jamais ocorrida na história, senão como longo ensaio para o século 21 no limiar do terceiro milênio. Mais uma coincidência para as Metas do Milênio, com fim de prazo na véspera dos 400 anos de fundação da cidade de Belém do Grão-Pará (2016)... Se parábolas, arquétipos, simbolismo onírico, alegorias e metáforas tangentes à realidade servirem a alguma coisa, além do ideal de beleza e justiça; então a posição geopolítica do estuário amazônico no encontro dos extremos Oriente e Ocidente no espaço curvo da biosfera planetária, no "meio do mundo" entre os hemisférios Norte e Sul, há de querer dizer alguma coisa...

Mas, a reconstrução pós-colonial está em marcha! A sul-africana Nadine Gordimer, Prêmio Nobel de Literatura, ao prefaciá-la obra de Jack Lang Nelson Mandela - Lição de vie

pour l'avenir (Nelson Mandela: Uma lição de vida, na versão portuguesa, Editorial Bizâncio: Lisboa, 2005) toca num ponto essencial. Muitos são os livros que tratam da vida e obra do campeão da África do Sul na luta contra o Apartheid. Provavelmente, outros mais hão de ser publicados à medida que as relações Norte-Sul exigirem mais igualdade e solidariedade entre homens e mulheres de boa-vontade. Até o conseqüente advento de um grande Plano Mandela para África, América Latina e as mais pobres regiões do mundo.

Nossa Amazônia está em perigo não apenas pela migração de mais pobres além dos pobres que aqui já estão, vindos de bolsões de miséria e desemprego em outras unidades da federação para o "eldorado". Nem tanto pelas oligarquias que desmandam na região. Mas, também pela cumplicidade de grandes centros de consumo de matéria-prima barata e trabalho mal pago (para não dizer degradante ou escravo). Que, saindo do ditado "cada um por si e Deus por todos", um Plano Mandela poderia remediar, aqui e acolá, mediante solidariedade Norte-Sul em alto nível para socorro das camadas mais carentes da população do mundo. No momento mesmo em que o Governo Federal, o Estado do Pará e a comunidade de municípios do Arquipélago do Marajó com a sociedade civil empreendem todos juntos o Plano Marajó. Ponto de partida para a Amazônia Sustentável. Uma mensagem a Mandela poderia ser passaporte para o futuro, tendo ainda Paris com a lembrança da queda da Bastilha como grande portadora do grito do fim do mundo.



**José Varella**, Nasceu em Belém - Pará - em 30/10/1937. É ensaísta, tem formação em direito e economia. Coordenador da Universidade Livre Marajó-Amazônia, assessor do Museu do Marajó e do Instituto Dalcídio Jurandir